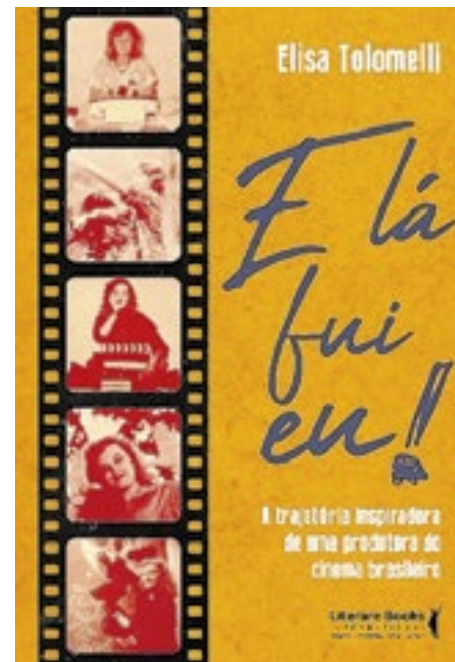


“*Central do Brasil* foi a minha maior escola. Foi o primeiro filme que enfrentei como produtora executiva - e enfrentei mesmo, peguei pelos chifres! Era um projeto enorme, com muitas locações, exigindo soluções complexas e um planejamento estratégico minucioso”



Instituto Moreira Salles



e muita sensibilidade. Porque não basta ter planilha: é preciso saber lidar com gente, acolher a equipe, resolver conflitos, administrar imprevistos, manter o set funcionando em harmonia. No fim, é como reger uma orquestra — com liderança e muita inteligência emocional.

Dos casos e das memórias do livro, que história mais te emocionou? Dos teus filmes, qual mais te serviu como escola?

Sem dúvida, o “Central do Brasil” foi a minha maior escola. Foi o primeiro filme que enfrentei como produtora executiva — e enfrentei mesmo, peguei pelos chifres! Era

um projeto enorme, com muitas locações, exigindo soluções complexas e um planejamento estratégico minucioso. Foi ali que aprendi, na prática, como organizar um filme grande e como pensar a produção com profundidade. E o principal foi a parceria: foi linda a forma como eu e o Walter Salles fomos descobrindo o caminho desse filme juntos. Cada desafio nos ensinava algo novo. Foi um processo de criação muito rico. Outros filmes como “Lavoura Arcaica” e “Cidade de Deus” também foram produções difíceis, que me exigiram muito. Os filmes do início da minha carreira me deram a base para os quase 40 projetos que produ-

zi depois. São histórias que me emocionam porque formaram a produtora que sou hoje.

O que mais mudou na produção com a chegada dos streamings?

O que mais mudou foi o alcance. Hoje, ao lançar um filme em uma plataforma de streaming, ele pode ser visto em até 190 países — isso é transformador. A visibilidade que o streaming oferece é enorme: abre caminhos para o nosso cinema, para a nossa cultura, chegarem a públicos que antes seriam quase inacessíveis. Ele também democratizou o acesso: pessoas que não tem facilidade de acesso às salas de cinema, podem

assistir aos filmes em casa, e isso é muito importante. Além disso, o streaming trouxe novas possibilidades de linguagem, formato e até de construção de público. Hoje, a gente já pensa a produção prevendo múltiplas janelas, o que impacta desde o roteiro até o modelo de financiamento. É um novo jeito de fazer e de circular os filmes.

O que vem pela frente, após o livro? O que você tem para produzir?

Tenho vários projetos pela frente — vem coisa linda por aí! Um dos que mais me empolgam no momento é o longa “A Casa da Árvore”, uma aventura para o público pré-adolescente, com multiversos, viagem no tempo e muita emoção. A história gira em torno da Nina, uma brilhante hacker de 12 anos, sem amigos reais, que acaba sendo transportada para um multiverso nos anos 1970. Lá, em contato com a natureza, com as pessoas e com as brincadeiras analógicas da época, ela descobre o valor da amizade verdadeira, a importância do convívio familiar e percebe que, por mais sedutor que seja o universo virtual, nada substitui os relacionamentos reais. É um filme com uma estética ousada, que mistura tecnologia de ponta com muita sensibilidade. Estou muito feliz com esse projeto, que tem tudo a ver com o que eu acredito: cinema que encanta, emociona e transforma.

Qual é a marca da força feminina na tua obra como produtora?

Minha trajetória sempre foi pautada por um desejo profundo de romper com estruturas engessadas, de abrir caminhos, de vencer desafios — especialmente num setor historicamente masculino como o audiovisual. Ao longo da minha carreira, procurei imprimir um olhar mais feminino à produção, não apenas nas histórias que escolhi contar, mas também na forma de conduzir os processos. Acredito que trouxe uma nova sensibilidade à maneira de produzir: uma escuta mais atenta, uma liderança menos autoritária e mais colaborativa, sem abrir mão da firmeza e da ousadia. O feminino, para mim, não é fragilidade — é potência, intuição e coragem de fazer diferente. No meu último filme, 60% da equipe era formada por mulheres talentosas, nas mais diversas funções artísticas e técnicas. Ver isso acontecendo é enriquecedor. Ser mulher na produção é também transformar o modo de fazer: criar ambientes de trabalho mais éticos, respeitosos, onde o processo importa tanto quanto o resultado. Meu papel não é só realizar filmes, mas também redesenhar a forma de fazê-los — com paixão, criatividade, ousadia e perseverança.